

**ENSAIO/ESSAY**

**LUIS FERNANDO VERISSIMO E AS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS 2018:  
CRÔNICAS PARA UMA CRÍTICA AO AUTORITARISMO BRASILEIRO**

**Carlos Augusto Carneiro Costa**

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa)

**RESUMO:** O estudo examina as crônicas “Marginais vermelhos”, “Memória”, “Respire fundo”, “Os omissos” e “Desilusões”, de Luis Fernando Verissimo, publicadas no contexto das eleições presidenciais de 2018, e suas relações com a memória da ditadura militar de 1964. Para tanto, aborda a produção do escritor gaúcho a partir de uma perspectiva teórico-crítica vinculada a estudos sobre literatura e sociedade; enfoca o compromisso social de Verissimo e de sua crônica; apresenta o ambiente político das eleições e alguns elementos próprios do autoritarismo que emergem dos textos como traços sintomáticos de uma fantasmagoria do terror.

**PALAVRAS-CHAVE:** Luis Fernando Verissimo; Crônica; Memória; Ditadura.

**ABSTRACT:** This study examines the short prose texts “Marginais vermelhos”, “Memória”, “Respire fundo”, “Os omissos” and “Desilusões”, by Luis Fernando Verissimo, published in the context of the 2018 Brazilian presidential elections, and their relationship to the memory of the 1964 military dictatorship. Drawing on a theoretical and critical framework grounded in literature and society studies, the article analyzes Verissimo’s literary production with particular attention to his social commitment and to the political dimension of his short prose. It also discusses the broader electoral context and examines how elements of authoritarianism emerge in the texts as symptomatic traces of a phantasmagoric return of terror.

**KEYWORDS:** Luis Fernando Verissimo; Short prose; Memory; Dictatorship.

**Nota introdutória**

Em uma crônica publicada no dia 04 de novembro de 2018, intitulada “Marginais vermelhos”, Luis Fernando Verissimo menciona um discurso proferido por

Jair Messias Bolsonaro, em São Paulo, há poucos dias da eleição para presidente, em que o então candidato ameaça eliminar ou banir os “marginais vermelhos” do país. No contexto da fala, “Marginais vermelhos” configura-se como uma expressão pejorativa usada para se referir a políticos e eleitores do Partido dos Trabalhadores (PT). Diante do discurso, em elevado grau de ironia, Verissimo se diz preocupado porque ele se identifica com a cor vermelha, pois torce para o time de futebol *Internacional*, de Porto Alegre, cujo uniforme oficial é vermelho. Também se identifica como marginal, uma vez que, segundo ele, as “crônicas são notações e comentários na margem das notícias, uma espécie de *pichação literária*, e eu faço crônicas”.

Os vocábulos “marginal”, “vermelho” e “pichador”, no contexto da crônica, articulam-se dentro de um mesmo campo semântico caracterizado pela ambiguidade. Essa ambiguidade é construída pelo próprio cronista, uma vez que retira a negatividade dos termos ao associar “marginal” com a profissão de escritor, “vermelho” com a cor predominante do clube de futebol para o qual torce, e ao afirmar-se “pichador literário”, pois o ato de pichar distorce a imagem, exigindo um olhar mais atento do observador. Porém, mais do que distorcer, a pichação, tal como descrita pelo autor, promove um novo plano de leitura, aquele talvez jamais imaginado pelo leitor, que o cronista tem a habilidade construir. Esse deslocamento de sentido é responsável pela produção do riso. A ironia é essencialmente ambígua (Brait, 2008, p. 98). O humor irônico será marca fundamental da crônica de Verissimo.

Por mais de cinquenta anos, Verissimo escreveu crônicas que tematizaram diversos assuntos, sobretudo questões ligadas à realidade histórica brasileira. Sua produção não escapa ao que é visto pela crítica como unanimidade entre os cronistas brasileiros: o tratamento literário dado a acontecimentos do cotidiano, tal como o discurso de Bolsonaro.

Enquanto gênero literário, desde o século XIX, a crônica é constituída pela ambiguidade (Candido, 2012). Soma-se a isso a frequente representação de antagonismos sociais que também são formalmente estruturados na linguagem. O caso acima apresenta, de um lado, por meio da perspectiva do referente (Jair Bolsonaro), uma visão autoritária, conservadora e excludente da sociedade brasileira. Do outro lado, na perspectiva do narrador que, na realidade, é a figuração textual do próprio autor, apresenta uma atitude de resistência (Bosi, 2002). O deslocamento de sentido dos

referidos termos ridiculariza o discurso do candidato à presidência pelo Partido Social Liberal (PSL). Diante de um ato de fala que também se mostra ambíguo (afinal, eliminar ou banir os “marginais vermelhos” pode significar, entre outras coisas, expulsão do país, prisão ou até mesmo assassinato), a atitude do cronista demonstra coragem e sua produção apresenta mais um traço singular: a transgressão. É nesse terreno ambíguo, antagonístico e transgressor que boa parcela da produção literária de Verissimo se concentra, sobretudo aquela que diz respeito ao *corpus* deste estudo.

Embora não seja consensual, alguns críticos, especialmente aqueles que atribuem importante valor literário ao gênero crônica, afirmam ter sido Luis Fernando Verissimo o melhor cronista das últimas décadas (Pinto, 2001, p. 5). Esse reconhecimento não se deve apenas à qualidade estética do que escreve, mas também à sua opinião sobre assuntos de ordem política a respeito da organização da sociedade brasileira.

Em 1996, Verissimo recebeu a “Medalha Chico Mendes de Resistência”, uma condecoração concedida desde 1989 pelo *Grupo Tortura Nunca Mais* para homenagear pessoas físicas e jurídicas de vários segmentos sociais que lutam contra a violação de direitos humanos e atuam em favor da preservação da liberdade e da memória de pessoas mortas ou desaparecidas em razão da violência de Estado. O escritor aparece em meio a figuras como Graciliano Ramos, Thiago de Mello, Augusto Boal, entre outros artistas e intelectuais homenageados com a medalha.

Na página virtual da ONG, o texto referente à premiação do cronista afirma que sua obra presta importante contribuição para a compreensão da recente história brasileira, por meio de um humor que serve ao desmascaramento de manobras e práticas políticas autoritárias, denunciando “o cinismo dos governantes e a manipulação das notícias”. Além disso, o texto destaca a importância de seus escritos literários no processo de luta pela verdade sobre mortos e desaparecidos políticos durante a ditadura militar e cita uma fala do escritor, em que comenta que “nossa obrigação é viver (neste século) com a dignidade possível, mas acima de tudo tentar compreendê-lo”.

Vale ressaltar que não é toda a produção de Verissimo que se volta para as questões apresentadas acima. O escritor aborda variados assuntos, que vão da culinária à música erudita. Certamente a homenagem diz respeito a um grande número de crônicas que problematizam o autoritarismo militar e seus efeitos sobre a sociedade.

Mas talvez não seja apenas essa a razão da premiação. Verissimo demonstra apresentar uma visão pessoal muito coerente com a inscrita em sua produção. Essa coerência se faz notar especialmente na crônica, em que a perspectiva adotada é geralmente a do próprio cronista. Mesmo quando a crônica tem caráter narrativo, à semelhança do conto, e mesmo quando se trata de contos propriamente ditos, um leitor acostumado aos textos do escritor é facilmente levado a perceber qual personagem (quando não é o próprio narrador) assume a perspectiva do autor.

Olhando em conjunto, suas crônicas tematizam a necessidade de se fazer justiça social, de se fazer reflexão sobre o autoritarismo da ditadura militar e todas as suas consequências, de se fazer crítica a qualquer forma de violação de direitos humanos. Esses temas são caros não apenas à sua literatura, mas também às suas concepções pessoais.

A iniciativa da condecoração com a “Medalha Chico Mendes de Resistência” partiu de uma Organização Não-Governamental dedicada a lutar contra a tortura e qualquer outra forma de violação de direitos humanos. O traço predominante da escrita de Verissimo é o humor. A relação entre esse tema e o tema da tortura ou outras formas de violência geralmente não tem recepção simpática, sobretudo do ponto de vista da vítima ou de parentes de vítimas de tais atos. Olhando assim, como pode um escritor que “brinca” com coisas sérias ser agraciado com tal medalha?

## **O enfoque teórico e crítico**

Embora Verissimo duvide da perspectiva engajada que sua obra possui ao afirmar que não fica “muito confortável com a ideia de que a literatura precisa ter uma ‘missão’” (entrevista realizada via e-mail), pode-se pensar em algumas razões que a aproximam da ideia de engajamento, tal como proposto na esteira filosófica do pós-guerra, sobretudo a partir de algumas proposições de Adorno. Isso só seria possível quando se considera que a obra é formalmente estruturada por antagonismos sociais que promovem uma forma diferente de lidar com a realidade, dissociando e desestabilizando os modos de compreensão por meio do choque (Adorno, 1973).

Um critério de valor de Adorno atribuído aos artistas repousa justamente sobre sua capacidade de representar os processos contraditórios da sociedade no contexto de uma elaboração estética que seja ela mesma a própria contradição, pela dissociação formal, pela fragmentação. Assim, em sua visão, “os autênticos artistas do presente são aqueles em cujas obras o horror mais extremo continua a tremer”, uma vez que a arte mantém uma “inextinguível conexão com a realidade” (Adorno, 1973).

Um exercício de aproximação da perspectiva adorniana com a ideia de “contemporâneo” desenvolvida por Giorgio Agamben também pode contribuir para a compreensão do papel desempenhado por Verissimo em suas crônicas.

Para Agamben, ao contrário do que se costuma acreditar, contemporâneo não é o sujeito (intelectual) que adere à perspectiva do seu próprio tempo, vivendo-o plenamente, absorvendo dele as experiências que, em algum momento, deixarão de fazer parte de seu contexto. A relação seria dada justamente pela negatividade, por uma espécie de desajustamento do sujeito em relação ao seu próprio tempo, uma distância caracterizada pelo que o filósofo chama de “intempestivo”, categoria nietzschiana usada para nomear o que estaria fora do tempo, mas, ao mesmo tempo, dentro dele. Essa contradição favoreceria a percepção mais clara da realidade porque, embora posicionado num lugar fora do seu tempo, o sujeito nunca estaria alheio a ele. Agamben afirma que:

A contemporaneidade, portanto, é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias; mais precisamente, essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo. Aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela (Agamben, 2009, p. 59).

De acordo com essa definição, a concepção de contemporâneo se dá, por um lado, pela dissociação do sujeito em relação ao seu próprio tempo. O deslocamento do olhar, caracterizado pela distância tomada, favorece uma melhor mirada sobre os problemas sociais, definidos por Agamben como trevas ou escuridão. Por outro lado, a concepção se faz por um movimento anacrônico, em que o sujeito lança o olhar sobre o passado e também é capaz de perceber nele os conflitos, ao invés de uma suposta harmonia:

Contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro. Todos os tempos são, para quem deles experimenta contemporaneidade, obscuros. Contemporâneo é, justamente, aquele que sabe ver essa obscuridade, que é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente” (Agamben, 2009, p. 63).

Ser contemporâneo, pois, significa perceber os problemas inerentes ao presente e ao passado e sobre eles refletir criticamente. Luis Fernando Verissimo parece estar alinhado à essa perspectiva de contemporâneo em suas crônicas, pois a leitura das que fazem parte da pesquisa, e mesmo de uma grande quantidade das que publicou e continuou publicando desde 2010, revela incisiva capacidade de perceber e criticar os antagonismos sociais (trevas) que estão por trás das aparências (luzes).

O recorte histórico tematizado pelas crônicas escolhidas apresenta-se sob o ângulo do tempo presente como fantasmagoria. A transição da ditadura para a democracia ocorreu em 1985, mas seus efeitos permanecem “em nossa estrutura jurídica, em nossas práticas políticas, em nossa violência cotidiana, em nossos traumas sociais que se fazem sentir mesmo depois de reconciliações extorquidas” (Teles; Safatle, 2010, p. 9). Por um lado, essa permanência se deve à incapacidade que o Brasil tem de elaborar o passado, de fazer justiça em relação a crimes cometidos pelo Estado autoritário. Por outro, a simpatia que boa parcela da população brasileira tem pela presença dos militares no poder garante legitimação social da continuidade de suas práticas. Nesse sentido, conforme Edson Teles e Vladimir Safatle, o Brasil incorre ao risco de ser uma daquelas sociedades destinadas “a repetir o que não são capazes de elaborar” (2010, p. 9).

Objetivamente, pensando no significado da ditadura para a posteridade, Florestan Fernandes afirma que ela, “como constelação social de um bloco histórico de estratos militares e civis, não se dissolveu”. Com a redemocratização, houve uma “redefinição dos papéis ativos dos líderes militares, em posições-chave do governo ‘civil’ e nos seus bastidores” (2014, p. 181). É necessário considerar o fato de que Fernandes escreve em meados da década de 90, período em que o Brasil ainda havia experimentado os governos democráticos de José Sarney, Fernando Collor e seu sucessor Itamar Franco. Entre os governos de Fernando Henrique Cardoso, Luiz Inácio Lula da Silva, Dilma Rousseff e seu sucessor Michel Temer e Jair Bolsonaro, o papel dos militares nunca esteve tão redefinido como agora.

Em seu texto “Autoritarismo e transição”, Paulo Sérgio Pinheiro afirma que, em países como o Brasil, historicamente marcado por relações de poder pautadas em fatores hierárquicos e patriarcais, a transição de uma ditadura para uma democracia não altera o quadro de autoritarismo. Se há alguma alteração, é para pior. Pinheiro observa que o nível de violência pós-ditaduras é tão elevado quanto aquele obtido em estados de exceção. A partir desses elementos, o autor propõe que o Brasil é constituído por um *autoritarismo socialmente implantado*. De acordo com sua definição, trata-se de um “autoritarismo que não termina com o colapso das ditaduras, mas que sobrevive às transições e sob os novos governos civis eleitos, porque independe da periodização política e das constituições” (1991, p. 46). Uma democracia verdadeiramente efetiva no Brasil somente será possível, comenta Pinheiro, se o autoritarismo socialmente implantado for desmascarado, revelando as regiões sinuosas em que se estabelecem relações micro-despóticas de opressão das classes populares da sociedade brasileira.

Jaime Ginzburg elabora uma questão fundamental sobre memória. Segundo ele, “imagens seguras e estáveis do passado podem servir de referência para tomadas de decisões no presente” (Ginzburg, 2006, p. 1). Esta fala quer atentar para o risco que se corre ao pretender recuperar modelos de pensamento e de governança que no passado despertaram empatia e que passam a ser legitimados como alternativas viáveis para superação de dificuldades no presente. Por outro lado, a negação destes modelos requer um esforço necessário para que não sejam relegados ao esquecimento.

O recorte das crônicas escolhidas para análise dá conta de um período histórico que vai dos momentos iniciais da ditadura até acontecimentos políticos localizados em 2010. Após esse ano, sobretudo a partir de 2016, os eventos políticos continuam a oferecer matéria significativa para a crônica de Verissimo que tematiza o autoritarismo de Estado, estabelecendo relações constantes entre o recente passado e o presente. Dissociação e anacronismo, como sugeridos por Agamben, constituem o trabalho crítico de Verissimo. Sua crônica captura com lucidez o constante retorno do passado como ameaça fantasmagórica *do e no* presente.

Uma importante mediação para essas noções de historicidade do texto literário e do contemporâneo pode ser encontrada em Antonio Candido, ao ressaltar o valor sociológico da literatura. Para ele, toda obra literária deve possuir uma função social e histórica que determinará sua constituição formal. Comenta que a obra tende a

permanecer “esteticamente invariável” no tempo, e que o que muda é sua função, determinada pelas variações históricas e pela própria perspectiva do autor. Candido acrescenta que, no estudo da literatura, é necessário levar em conta a existência de “um nível de realidade e um nível de elaboração da realidade” (2006, p. 177), o que significa considerar, do ponto de vista sociológico, que a literatura deve ser lida a partir de uma interpretação dialética em que sejam considerados seus elementos internos e externos, texto e contexto, sabendo que tudo o há para além do texto funciona como elemento estruturador do próprio texto (2006, pp. 13-14).

De modo geral, *Literatura e Sociedade* é referência para uma ampla quantidade de estudos críticos que são norteados pela noção de historicidade da literatura. Pensando especificamente a respeito do tema do engajamento pessoal e artístico de Verissimo, será importante considerar outros dois textos caros aos estudos literários, cujas perspectivas possuem elevado grau de aproximação com a teoria estética adorniana, especialmente com a noção de “engajamento”.

O primeiro deles é “Narrativa e resistência”, do livro *Literatura e Resistência*, de Alfredo Bosi, ensaio fundamental para a discussão das tensões existentes entre ideologias dominantes e pensamentos e atitudes contra-ideológicos presentes em textos literários. O segundo é “Plataforma da nova geração”, que compõe a coletânea intitulada *Textos de Intervenção* (2002), organizada por Vinícius Dantas, no qual Antonio Candido discute o papel da intelectualidade brasileira diante da conturbada situação vivida no país durante a década de 1940, considerando suas relações com questões éticas, estéticas e ideológicas.

Apesar de falar de um contexto diferente daquele tratado pelas crônicas de Verissimo, a questão colocada por Candido neste segundo texto parece atemporal, sobretudo se for considerado o fato de que o Brasil da década de 40 também vivia sob uma ditadura, assim como o período abordado pelas crônicas de Verissimo. Nesse sentido, é importante considerar a proposição de Candido, pois estabelece uma interlocução com a intelectualidade brasileira, a fim de tratar de temas como o autoritarismo, caro ao processo político brasileiro de boa parte do século XX. A leitura que se faz do texto coloca-o em uma perspectiva contemporânea (Agamben, 2009), a fim de construir bases de reflexão sobre o período de que tratam as crônicas.



Uma leitura paralela dos dois textos permite perceber a existência de pontos de aproximação e distanciamento. Um primeiro ponto em comum é o reconhecimento de que o momento histórico em que são escritos não é normal, possui a singularidade de ser o cerne de duas guerras modernas de dimensão planetária, e das incertezas produzidas por elas em torno do destino da humanidade. Também é um momento de tensões que tem como polos classes historicamente marginalizadas lutando por ascensão social, de um lado, e uma classe burguesa ideologicamente dominadora que a tudo reage para a manutenção de seu poder, do outro. Para Candido, o momento exige reflexão e combate a essas forças reacionárias. Do mesmo modo, ao afirmar que a resistência se dá como tema da narrativa, Bosi recupera acontecimentos históricos que inevitavelmente passam a compor o universo ficcional. Parece haver, então, uma convergência de sentido entre as principais propostas dos dois textos. O combate às forças reacionárias, assumido pelo crítico da sociedade, e a resistência à ideologia dominante, papel atribuído ao escritor, podem ser vistos como uma tomada de atitude ética comum na luta contra os antivalores burgueses.

Essas proposições também parecem estar em sintonia com outro trabalho de Antonio Candido publicado na mesma coletânea. Trata-se do texto “O tempo do contra”, em que o autor fala de uma “cultura do contra” (2002, p. 369) que se criou dentro dos diversos segmentos sociais (e não apenas entre intelectuais) que se opõem à ideologia dominante e conservadora do capitalismo. Novamente a proposta é de combate, de resistência, de ser “do contra” às forças reacionárias. Note-se que este texto foi publicado em 1978, em plena ditadura militar.

“Narrativa e resistência” e “Plataforma da nova geração” são textos paradigmáticos para compreender o papel da intelectualidade brasileira diante dos antagonismos historicamente construídos no seio de sua sociedade. Diante disso, a sugestão que se faz aqui é que não apenas a produção de Verissimo, mas seu *status* de intelectual podem ser lidos na chave das ideias de resistência e engajamento, de modo que as duas categorias são pensadas como atitude e consciência política. Na esteira do que propõe Eurídice Figueiredo no livro *A Literatura Como Arquivo da Ditadura Brasileira*, a produção de Verissimo pode considerada como importante trabalho literário que contribui para a “reflexão sobre os anos de chumbo no Brasil” e “tem um enorme valor porque não se pode esquecer o que foi perpetrado, é preciso render tributo

àqueles que lutaram por um país mais justo e mais democrático” (Figueiredo, 2017, p. 35).

### **O compromisso político-social de Verissimo e sua crônica**

Verissimo escreveu e publicou crônicas para jornais por mais de meio século. Seu talento possui elementos comuns ao campo das letras: intelectual, jornalista e escritor. Mais do que isso, sempre se apresentou como um sujeito de esquerda que, no contexto da ditadura, fez oposição, ainda que não tenha sofrido qualquer tipo de violência por conta de seus escritos e posições políticas. Algumas entrevistas contribuem para melhor compreensão da relação existente entre o escritor e sua obra e, por isso, merecem destaque.

Em entrevista concedida a Marilene Weinhardt, em 1985, Verissimo fala, entre outros assuntos, sobre a relação de sua produção literária com a política brasileira. Ressalta que a frequência dos acontecimentos diários quase sempre bloqueia a etapa da inspiração no processo de produção literária. Afirma que toda produção artística, ainda que não tenha pretensão de ser politicamente engajada, permite uma leitura política: “a própria decisão de não ser político já é uma decisão política. A própria omissão já é uma forma de ser político” (Verissimo, 1985, p. 9). Claro que a decisão pela omissão ou pela negação da política pode ser seguida de consequências morais para o artista.

Verissimo comenta que seu engajamento político por meio da literatura nunca lhe rendeu prisões ou experiências de tortura, como ocorreu a muitos outros artistas e intelectuais durante a ditadura. Entretanto, afirma que vários de seus textos tiveram problemas com a censura, sobretudo quando publicava em jornais do Rio Grande do Sul. Não faz referência específica sobre algum que tenha sido censurado. Comenta sobre a contradição que existia dentro da imprensa brasileira à época da ditadura. Havia, segundo ele, uma imprensa mais contestadora, uma posição de esquerda, que teve seus problemas com a censura, mas se fortaleceu do ponto de vista moral junto a seu público. Porém essa, e mesmo outras agências de imprensa de visão mais conservadora, eram empresas capitalistas, necessitavam de apoio de empresários para sobreviver, que por sua vez eram simpáticos à política econômica dos militares. Essa relação acabava

prejudicando a imagem da imprensa, fosse ela conservadora ou não. Verissimo acredita que o equilíbrio entre essas duas forças é o que poderia favorecer a existência de um jornalismo coerente, tal como ele observa na imprensa de Porto Alegre.

Como é possível notar, Verissimo se apresenta como um sujeito de esquerda, mas não exatamente a esquerda clássica dos anos 60. Acredita na social democracia em que haja justiça social, distribuição de renda e igualdade de condições de vida, como registra na passagem abaixo:

Agora, se você pergunta qual é a minha posição política, eu diria que sou um homem de esquerda. Acredito no socialismo democrático – acho que só pode existir uma sociedade justa numa organização socialista –, numa sociedade solidária, fraternal, que só pode vir através de uma organização socialista. Mas não tenho a intenção de fazer qualquer tipo de proselitismo (Verissimo, 1985, p. 14).

O autor reafirma essa posição política quando comenta no livro *Luis Fernando Verissimo & Zuenir Ventura: Conversa Sobre o Tempo com Arthur Dapieve* sobre sua ligação com o socialismo e contrariedade a qualquer forma de violência como mecanismo de controle social. Acrescenta que, do ponto de vista ético, “a pessoa tem que ter um lado. Tem que se engajar nisso, tentar ser coerente, tentar ser justo. Mas nunca deixar em dúvida qual é o seu lado” (Verissimo, 2010, p. 149). Em outra entrevista, realizada em 2017, Verissimo afirma que depois do período mais difícil da censura, passou a escrever com mais liberdade. Diz que ainda que publique em jornais ditos conservadores, ele tem a liberdade de escrever o que quer, dentro dos limites do bom-senso. Em maio de 2019, Verissimo foi entrevistado em um programa brasileiro de TV aberta. Na ocasião, prestes a completar 83 anos de idade, o escritor mantém sua coerência ideológica. Comenta que jamais imaginava viver “governado” por Olavo de Carvalho ou novamente por militares, ainda que em uma configuração diferente da ditadura.

Mesmo quando se refere ao futebol, Verissimo expressa sua visão política, pontualmente em torno da questão racial. Diz que, quando regressou dos Estados Unidos, após uma temporada vivendo lá com a família, o time do *Internacional* passava por uma excelente fase, ganhando vários títulos, enquanto que o clube adversário, o *Grêmio*, não andava bem. A simpatia pelo time “colorado” surge exatamente porque o clube era muito bom e permitia que negros jogassem, diferente do “tricolor” gaúcho,

considerado clube de elite branca que não permitia negros. Assim, a decisão de torcer pelo *Internacional* foi uma decisão política.

O tema do politicamente correto também surge no contexto da entrevista. Verissimo afirma que hoje não faria mais piada com homossexual, como era comum em sua produção e na de outros humoristas de sua geração. Para ele, houve uma mudança afirmativa no comportamento do público, que se incomoda e questiona o humor cujos alvos são sujeitos pertencentes a grupos sociais tradicionalmente tratados com preconceito. Ideia semelhante aparece na entrevista realizada por mim em 2018. Quando questionado sobre o humor feito sobre esses sujeitos, o autor comenta que:

O humor brasileiro da TV ainda tem muito de circo e teatro de revista e exagera na caricatura. Judeu é sempre usurário, homossexual é sempre ridículo. Negro é sempre infantil, etc. É claro que ele tinha coisas geniais, como as caracterizações do Chico Anísio, mas em grande parte era preconceituoso. Isto, felizmente, está mudando. Já se vê humor inteligente na TV, como o da turma do "Porta dos fundos".

É certo que, no caso de Verissimo, mesmo durante o período em que esse humor conservador tinha mais força, ele não predominava em sua produção. Exemplo disso é o fato de que boa parcela dos textos que compõem o *corpus* do estudo foi publicada ainda durante a ditadura e nas primeiras três décadas subsequentes ao fim do regime. Diríamos que esse período, que se estende até o fim da década de noventa, caracteriza-se pela prática de um “humor” conservador que se fazia muito presente na produção cultural brasileira, sobretudo a televisiva. A simpatia e legitimação pelo público era bastante expressiva. Claro, até hoje ele não deixou de existir, mas convive com discursos mais potentes do “politicamente correto” e, por conta disso, é impactado por frequentes manifestações públicas de rejeição.

Portanto, essa mudança é também uma mudança de caráter político. Um dado importante a se observar é que, segundo Verissimo, suas personagens construídas com atitudes conservadoras, a exemplo do *Analista de Bagé*, nunca representaram sua própria visão. Essa informação pode parecer controversa, uma vez que, como dito sobre a crônica na primeira parte deste capítulo, tradicionalmente ela emite a visão do próprio autor. Porém, pensando nos diferentes modos de se construir uma crônica, no caso da crônica reflexiva, certamente a voz do autor se faz mais determinante. No caso de crônicas narrativas, cuja estrutura formal se aproxima do conto, inclusive com construção de personagens e narradores, como é o caso das histórias do *Analista de*

*Bagé*, as opiniões podem partir de figuras que não representam necessariamente o cronista no plano textual.

É importante ressaltar que, diferente de Verissimo, há humoristas de sua geração que atravessaram todo esse período mantendo a ideia de que é possível rir de tudo, e que, nesse sentido, o politicamente correto limitaria a atividade do humor.

Verissimo “é um mestre na arte de iludir seus leitores” (Pinto, 2001, p. 8). Refere-se à sua própria obra com modéstia, procurando dar a impressão de que escreve apenas para fazer rir. Ao contrário disso, um dos méritos de sua crônica é o fato de conseguir transformar a matéria trivial em assunto sério, embora risível. O humor funcionaria como uma fachada atrás da qual se concentra uma “suprema” reflexão crítica sobre determinado assunto. Seu humor, afirma Pinto, provoca “primeiro o riso e depois a reflexão” (2001, p. 8). Esse aspecto parece ser uma das chaves para se entender a razão pela qual o escritor é aclamado não apenas por boa parcela da crítica literária especializada e do leitor comum, mas por organizações como o *Grupo Tortura Nunca Mais*. A construção de crítica reflexiva sobre sérios problemas sociais brasileiros por meio do humor garante a ele um lugar de destaque no cenário cultural nacional e respeito decorrente de sua militância intelectual. Não é sem razão que em 1997, ano seguinte ao da condecoração com a medalha Chico Mendes, Verissimo recebeu da *União Brasileira de Escritores* o “Prêmio Juca Pato” de intelectual do ano.

## **O contexto das eleições presidenciais 2018**

O ano de 2018 no Brasil segue fornecendo, até os dias atuais, matéria de grande relevância não apenas para o campo político, mas especialmente para o campo cultural, a exemplo da recente produção cinematográfica e suas abordagens temáticas sobre experiências autoritárias.

No segundo semestre do referido ano, em todo o território nacional foram realizadas eleições para governadores, deputados estaduais e federais, senadores e presidente da República. Como é sabido, duas chapas polarizaram a disputa para o cargo de presidente.

De um lado, tem-se a chapa da coligação “O povo feliz de novo”, formada pelo Partido dos Trabalhadores, que trouxe o candidato Fernando Haddad como presidente, e o PCdoB (Partido Comunista do Brasil), com Manuela D’Ávila, como vice. É importante dizer que a chapa teve tal formação porque o Partido dos Trabalhadores, usando de todos os recursos disponíveis, tentou oficializar a candidatura do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva que, como também é sabido, foi julgado e condenado por suposto crime de corrupção e lavagem de dinheiro (os desdobramentos desse episódio são matéria para outros estudos). Do lado oposto, tem-se a chapa formada pelo deputado federal e Capitão da reserva do exército Jair Messias Bolsonaro, do PSL (Partido Social Liberal), como candidato a presidente, e o General da reserva do exército Hamilton Mourão, do PRTB (Partido Renovador Trabalhista Brasileiro), como vice. Nos dois turnos disputados, Bolsonaro e Mourão foram vitoriosos, com uma expressiva diferença de aproximadamente dez milhões de votos contabilizados somente no segundo turno.

Bolsonaro venceu as eleições com uma retórica de caráter fascista e que vinha sendo disseminada desde as eleições presidenciais de 2014, quando a ex-presidente da república Dilma Rousseff foi reeleita, e ganhou mais densidade em 2016, na ocasião de seu processo de *Impeachment*. Objetivamente, o então candidato e agora ex-presidente construiu e disseminou um discurso de ódio contra minorias étnicas (negros, índios e nordestinos), homossexuais, mulheres, membros do Partido dos Trabalhadores, professores, organizações sindicais e de ativistas políticos.

Os pilares de sustentação de sua campanha foram conduzidos por um discurso que manifestava: a) a necessidade de proteção da família brasileira, cujo núcleo estaria ameaçado, segundo Bolsonaro, pelo crescimento do número de homossexuais e pela regulamentação de casamento entre pessoas do mesmo sexo; b) a necessidade de implementação de políticas de segurança pública que combatessem o crime organizado de forma indiscriminada, ainda que inocentes fossem mortos; c) a necessidade do culto à pátria; e d) a exacerbação da figura divina como força determinante e responsável por suas ações políticas.

Uma síntese de um conjunto de declarações de Bolsonaro pronunciadas ainda em campanha eleitoral permite ilustrar o teor autoritário e fascista com que pretendia governar o país: “1. O erro da ditadura foi torturar e não matar”; “2. Não vou estuprar

você porque você não merece”; “3. Não vou combater nem discriminar. mas, se eu vir dois homens se beijando na rua, vou bater”; “4. Mulher deve ganhar salário menor porque engravida”; “5. Pinochet devia ter matado mais gente”; “6. Eu sou favorável à tortura, tu sabes disso. E o povo é favorável a isso também”; “7. Através do voto você não vai mudar nada nesse país, só vai mudar quando um dia nós partirmos para uma guerra civil, fazendo o trabalho que o regime militar não fez, matando uns trinta mil, começando pelo FHC. Se vão morrer uns inocentes, tudo bem”; “8. Gostar de homossexual, ninguém gosta. A gente suporta” (trechos de declarações veiculados pela grande mídia ao longo de 2018).

### **Análise das crônicas**

Durante o processo eleitoral, as crônicas de Verissimo eram publicadas em dois grandes jornais de circulação nacional: *O Globo* e *O Estado de São Paulo*. Não fossem as restrições de acesso às versões *online*, reservadas para assinantes, provavelmente um público mais amplo tomaria contato com seus textos. Entretanto, no *Facebook*, uma *Fanpage* do autor não apenas replicava os links das crônicas, como também as transcrevia semanalmente, na íntegra. Assim, mesmo quem não era assinante dos jornais tinha acesso aos textos transcritos.

Nesse ambiente, seguidores da *Fanpage* interagem com comentários e debates em torno das crônicas publicadas. Esses seguidores são, em sua maioria, simpáticos ao autor. Mas há um elevado número que visivelmente se opõe às suas ideias, fazendo críticas ao seu ponto de vista, muitas vezes difamatórias e vulgares.

Verissimo costumava assumir uma posição crítica a políticas conservadoras e a qualquer forma de exclusão social. Seus comentários e posicionamentos sobre assuntos ligados à política brasileira são facilmente apontados como pertencentes a um pensamento de esquerda. Ele próprio se assumia como um sujeito de esquerda. Isso lhe rendia diversos comentários depreciativos.

Na crônica “Memória”, publicada no dia 20 de setembro de 2018, dezessete dias antes do primeiro turno da eleição, Verissimo faz uma aproximação entre o período da ditadura militar e o então período, alertando para o perigo do ressurgimento do

fascismo não apenas no Brasil, mas no mundo. Expressando-se em primeira pessoa, descreve situações em que alguns de seus textos foram censurados pelos militares apenas por haver mencionado nomes de políticos contrários ao regime e por mencionar o nome de Darwin em uma crônica sobre a teoria da evolução. Denomina de “guerra suja” a prática de tortura e extermínio de opositores ao regime de 64 e menciona o fato de que, apesar da truculência, diversas notícias sobre esses acontecimentos vinham a público. Como em um monólogo, Verissimo pergunta-se: “Por que estou lembrando, de novo, aqueles tempos?” Sua resposta parece ser direcionada a um universo indeterminado de sujeitos que teriam a consciência ofuscada pela história oficial do país, condição fundamental para a aceitação e legitimação de práticas fascistas.

Diante dessa situação, o autor elabora uma segunda pergunta, de forma indireta: “a questão é o que fazer com a memória”. Três caminhos possíveis são apontados: 1) *negar* que a ditadura tenha acontecido; 2) *justificar* o apoio a Bolsonaro pela simpatia pela ditadura; e 3) *mudar* a abordagem da história, passando a lê-la a partir da perspectiva dos vencidos, e não dos vencedores. Com isso, Verissimo faz um alerta aos leitores de modo geral para a necessidade de lembrar do que ocorreu durante a ditadura militar, a fim de que possam intervir no processo eleitoral. Isso só pode ocorrer, conforme o texto deixa subentendido, por meio da memória: “A memória daqueles tempos e o que fazer com ela tem muito mais relevância, nessa próxima eleição, do que se imagina”. Encerra com um apelo também dirigido aos leitores para quem a ditadura teria, supostamente, caído no esquecimento: “Quem não se lembra precisa ser lembrado”.

A crônica “Respire fundo”, publicada no dia 02 de outubro (5 dias antes do primeiro turno), retoma o modelo de análise comparativa entre passado e presente, delineado na crônica “Memória”, mas, desta vez, constrói sua argumentação na base de outros dois paralelos: *existência x morte*; *democracia x ditadura*.

Nos dois primeiros parágrafos, o autor faz uma aproximação semântica entre os termos “existência” e “democracia”, ressaltando a importância de se estar vivo e a necessidade da preservação de um estado de direito democrático. A mesma aproximação é feita entre os termos “morte” e “ditadura”, vistos como alternativas para os respectivos termos “existência” e “democracia”.



No terceiro e último parágrafo, Verissimo dá visibilidade à diferença existente entre as duas alternativas para a existência e para a democracia. Segundo ele, da experiência da morte não há retorno e ele não teria: “a menor curiosidade para saber como é a alternativa para existir”. Porém, da experiência da ditadura, de um regime totalitário, é possível ter volta e, diz ele, “com uma lição aprendida”.

Objetivamente, o autor simula um diálogo com um possível leitor capaz de compreender o contexto do processo eleitoral brasileiro e a ameaça de retorno de um governo com características fascistas. O título da crônica é dirigido a esse leitor, em tom imperativo (*Respire fundo!*), dando destaque para a tensão existente há poucos dias da eleição. O texto é encerrado com as palavras do título, deixando ainda mais clara a presença de um interlocutor que, teoricamente, partilha do pensamento do autor. Entretanto, em dois momentos, Verissimo parece se direcionar a leitores sem memória ou para quem o recente e violento passado brasileiro teria caído no esquecimento.

No primeiro deles, o autor diz: “[...] e *quem* tem saudade dela [a ditadura] precisa ser constantemente lembrado de como foi”. Aqui ele chama a atenção para a necessidade de uma educação da memória, de esclarecimento constante sobre a ditadura como estratégia que leve o leitor a escolher entre uma perspectiva ligada à vida e à democracia, e outra ligada à morte e à ditadura.

No segundo momento (terceiro parágrafo), Verissimo se reporta a dois tipos de leitores. De um lado, aqueles que não viveram durante o regime militar e, portanto, não teriam lembranças dolorosas. Do outro lado, o autor situa os leitores que, segundo ele, viveram durante a ditadura e compreendem sua dimensão catastrófica. Para Verissimo, essa segunda instância de leitores estaria mais propensa a rejeitar um candidato com perfil autoritário, justamente porque é testemunha ocular dos anos de autoritarismo: “Pior do que uma geração sem idade para se lembrar como foi são os que sabem como foi aquele tempo e querem repeti-lo”. Em ambos os casos, a reivindicação da memória da ditadura funciona como um apelo à escolha pela vida e pela democracia, e não por vias alternativas.

Na crônica intitulada “Os omissos”, publicada no dia 01 de novembro de 2018, alguns dias após o segundo turno da eleição presidencial, Verissimo projeta uma situação futura previsível, em que figuras públicas e partidos políticos que se omitiram apoiar a candidatura de Fernando Haddad para presidente terão que fazer autocrítica

sobre sua atuação no presente: “No fim, o ódio ao PT foi maior que o amor pela democracia”, diz o autor. A crônica encerra com a referência ao um discurso proferido por Bolsonaro, em São Paulo, ocasião em que anunciou o banimento dos “‘marginais vermelhos’ do território nacional”.

Aludindo à dificuldade de identificação dos supostos “marginais vermelhos” para proceder ao banimento, em elevado tom de ironia, Verissimo sugere “que se costure uma estrela vermelha na roupa dos marginais, para identificá-los”, e acrescenta dizendo que “deu certo em outros países”.

Mesmo sem especificar em quais países a prática deu certo, um determinado leitor é inevitavelmente levado a estabelecer relações com a Alemanha nazista, quando judeus eram identificados por uma estrela amarela gravada em suas roupas. Obviamente, a sugestão não tem sentido aqui, a não ser que seja considerada dentro de um campo semântico mais amplo, que leve em conta não apenas o texto na íntegra, mas a própria trajetória intelectual do autor, caracterizada pela crítica, na maioria das vezes em tom humorístico, a qualquer forma de poder autoritário.

A referência à prática nazista como algo que “deu certo” não ambiciona elogiar o totalitarismo, tampouco ofender o povo judeu, mas sim, ironizar e ridicularizar Bolsonaro, seu discurso e seu próprio eleitorado. Além disso, a aproximação feita entre o anúncio do extermínio dos “marginais vermelhos” e o genocídio judeu não tem outra intenção que não seja alertar para o perigo que o Brasil corria com a eleição do então militar da reserva.

Como ocorre com praticamente todas as suas publicações semanais, a crônica recebeu comentários variados após ser replicada na página do *Facebook* (o comentário está publicado na conta do *Facebook* de uma *Fanpage* do escritor e pode ser acessado através do link <<https://www.facebook.com/verissimooficial/>>). Foram mais de duas mil e novecentas curtidas, mais de dois mil e oitocentos compartilhamentos e quase oitocentos comentários. Entre elogios e críticas, o comentário de um internauta chama a atenção. Trata-se de uma carta em que o emissor se dirige diretamente a Verissimo, pedindo explicações sobre a menção feita aos judeus, a partir da sugestão do uso da estrela como mecanismo para reconhecer o inimigo e eliminá-lo. O “seguidor” procura construir um percurso argumentativo para sustentar que o autor cometeu um erro gravíssimo. Faz uma síntese do que ocorrera com sua família judia durante o nazismo,

entre fuzilamento e obrigação do uso da estrela amarela. Afirma que Verissimo foi sarcástico e profanador ao referir-se ao seu povo. Exige do autor o pedido de desculpas a ele e ao seu povo, os quais teriam sido maculados com “uma frase infeliz e insultante”. Além disso, o autor da carta afirma que “há coisas com as quais não se brinca”.

O problema aparece na fala do internauta quando se reporta a Verissimo dizendo haver assuntos com os quais não se deve brincar. Mas a questão recai sobre a ideia trivial que normalmente se tem em torno do conceito de humor e sua função, meramente a serviço do riso despreocupado e ao entretenimento. Além disso, como já mencionado, a ironia, ferramenta do humor enquanto categoria crítica, é constituída justamente pelo contrário daquilo que se diz. Nesse sentido, a compreensão do seu funcionamento pode abrir caminho para sua aceitação enquanto proposta estética de resistência à opressão e ao sofrimento, e para a compreensão do lugar de destaque ocupado por Verissimo junto à *ONG Tortura Nunca Mais*.

A recepção crítica da obra de Verissimo é geralmente coesa sobre o frequente uso da ironia como estratégia humorística para fazer crítica social. Entretanto, o episódio ocorrido na *Fanpage* do *Facebook* poderia pôr em dúvida não apenas o valor crítico de sua crônica, mas também sua própria postura ética. Do ponto de vista formal, o argumento defendido aqui é o de que o autor foi mal interpretado. A ambiguidade do texto, catalisada pelo recurso à ironia, permite essa possibilidade interpretativa. Do ponto de vista ético, a visão política empregada no texto encontra eco em diversas falas do escritor, como será visto mais adiante. Por essa razão, é possível supor que não há uma dissociação entre as ideias do autor e a perspectiva crítica de sua obra. Também é possível supor que a ampla aceitação do humor de Verissimo ocorre porque não banaliza a violência ou o sofrimento, tal como sugerido como hipótese investigativa da tese. Em geral, há uma percepção por parte do leitor de que o tratamento dado ao assunto em sua crônica difere do tratamento dado por outras produções culturais, muito ligadas à simples diversão por meio de representações cômicas de caráter conservador.

O livro *Conversa Sobre o Tempo*, em que Arthur Dapieve interage com Verissimo e Zuenir Ventura, traz um trecho que talvez explique um pouco das polêmicas geradas por algumas publicações do escritor gaúcho, sobretudo a referida acima. Na conversa, Verissimo afirma que já passou por situações em que foi lido ao pé da letra,

sendo que praticamente tudo o que escreve é carregado de ironia. Estimulado por Ventura a falar a respeito de casos em que foi mal interpretado, Verissimo diz que, em muitas situações, pode ser que seja necessário anunciar previamente: “Atenção, ironia” (2010, p. 41).

A crônica “Desilusões”, publicada no dia 08 de novembro, é formalmente elaborada por meio de um procedimento intertextual que põe em diálogo trechos de um famoso samba intitulado *Dança da Solidão*, de autoria de Paulinho da Viola, lançado em 1972 (em plena ditadura), e uma série de eventos situados em um intervalo de tempo que inicia com o fim da ditadura e a redemocratização do Brasil, em 1985, e culmina com a eleição de Bolsonaro, em 2018.

A canção, que de forma sutil alude à precariedade da experiência histórica brasileira do período ditatorial, apresenta um “eu” que lamenta pelos fracassos na vida amorosa e se recorda de um conselho dado pelo pai, que dizia: “Quando eu penso no futuro / Não esqueço o meu passado” (Viola, 1972). A recomendação não é mais do que um alerta sutil para que o filho, sempre que tomar decisões que irão determinar seu futuro, que as tome tendo como parâmetro seu passado de desilusões.

Migrando desse universo pessoal para o universo coletivo, Verissimo faz referência à *ilusão* com a eleição de Tancredo Neves, primeiro presidente civil depois da ditadura, e a *desilusão* que se seguiu com sua repentina e misteriosa morte; à *ilusão* com Fernando Collor de Melo e *desilusão* com seu impeachment por corrupção; à *ilusão* com o PT e a *desilusão* com políticos em geral; à *ilusão* com a conquista do título de Copa do Mundo dentro do Brasil e a *desilusão* com os 7 x 1 contra a Alemanha; à *ilusão* e *desilusão* com a seleção de Tite.

Ao mencionar a eleição de Bolsonaro como presidente da república, Verissimo mostra-se profundamente *desiludido* com a escolha, “com a votação maciça para presidente, de um homem notoriamente despreparado para o cargo, por eleitores *desiludidos* e *iludidos*”. Por fim, menciona a *ilusão* de boa parcela da população em torno da seriedade do trabalho do juiz Sérgio Moro junto à Operação Lava-Jato e a *desilusão* com o pedido de exoneração do cargo de juiz e o aceite ao convite de Bolsonaro para assumir o Ministério da Justiça. Tanto Bolsonaro quanto Moro foram aclamados como mitos e heróis nacionais por seus correligionários. De modo irônico, Verissimo afirma que “até os mitos desiludem”.

A parte final da crônica é basicamente constituída por uma crítica ainda mais incisiva àqueles que elegeram Bolsonaro. Por meio da ironia, Verissimo supõe que ele e os leitores que compartilham de suas ideias teriam sido acometidos por um estado de loucura que os levou a crer que houve ditadura no Brasil: “Foi tudo um delírio, vamos esquecê-lo. Rubens Paiva, Stuart Angel, Vladimir Herzog, Manoel Fiel Filho e as centenas de supostos desaparecidos podem voltar. Acabou a farsa”. A lista dos nomes de militantes políticos mortos pela ditadura e a menção aos desaparecidos, seguida de um convite ao retorno à vida, funcionam como estratégia de confrontar discursos negacionistas da ditadura, como os constantemente proferidos por Bolsonaro.

Em síntese, a crônica parece sugerir que há um parâmetro para se pensar no futuro do país, após a eleição de Bolsonaro. Esse parâmetro seria a constante existência de um conjunto de processos políticos e expectativas criadas em torno do “novo”, do “diferente”, mas que fracassam, produzindo um profundo sentimento de *desilusão* em boa parcela da sociedade brasileira. Essa constante alternância entre ilusão e desilusão se configura como um antagonismo social, um profundo impasse na sociedade brasileira que tem impactos desastrosos em seu desenvolvimento. Assim, a reiteração desse antagonismo formal no texto pode ser entendida como mecanismo estruturante da própria sociedade brasileira.

### **Comentários finais**

De modo geral, as quatro crônicas apresentadas são reunidas, do ponto de vista temático, em torno de um único fio condutor: a eleição de Bolsonaro, suas declarações fascistas e o risco de que a história sangrenta da ditadura militar se repita. A preservação da memória do passado violento como meio de evitar a repetição é tema bastante caro a Verissimo. Em muitas de suas obras escritas décadas antes das eleições de 2018, o autor já alertava para a dificuldade que o Brasil tem de lidar com os problemas de seu passado, de preservar sua memória e construir bases amplas e sólidas de reflexão e luta contra o esquecimento.

A eleição de Bolsonaro foi em parte condicionada pela batalha entre a memória e o esquecimento. Qual dos dois foi o vencedor? Apesar do fracasso do projeto de

reeleição do governo de extrema direita, em 2022, a resposta a essa pergunta ainda parece obscura e a lembrança dos atos antidemocráticos segue causando extrema perplexidade coletiva. Verissimo afirma que é difícil compreender como pessoas que viveram durante a ditadura e, por isso, têm memória dela, votaram em Bolsonaro. Neste caso, a resposta seria a de que a memória venceu a batalha. Mas essa memória, ao invés de provocar repulsa, perturbação, inquietação, choque e consequente reflexão crítica sobre o passado, é predominantemente saudosista.

A segunda parte da música mencionada por Verissimo na crônica “Desilusões” parece escapar à sua análise crítica, talvez por razões óbvias de adequação ao tema. Mas, uma breve passagem de olhos em um dos trechos pode ser suficiente para aproximá-lo da questão tratada: “Apesar de tudo, existe / Uma fonte de água pura / Quem beber daquela água / Não terá mais amargura” (Viola, 1972).

Talvez, por estar profundamente *desiludido* com mais de cinquenta milhões de brasileiros que elegeram Bolsonaro, Luis Fernando Verissimo tenha fechado os olhos para esse belo trecho do samba que estimula a manutenção da esperança, alude à superação das dificuldades e à solução afirmativa dos impasses entre *ilusões* e *desilusões*. Se tivesse considerado a passagem em seu texto, provavelmente diria que tudo o que o povo brasileiro precisa é achar o caminho dessa fonte. Mas sua negatividade crítica parece ser mais potente. O estado de alerta deve ser constante.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. *Notas de literatura*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973.

AGAMBEN, Giorgio. “O que é o contemporâneo?”. In: \_\_\_\_\_. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó, SC: Argos, 2009.

BOSI, Alfredo. “Narrativa e resistência”. In: \_\_\_\_\_. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 118-135.

BRAIT, Beth. *Ironia em perspectiva polifônica*. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008.

CANDIDO, Antonio. “O tempo do contra”. In: \_\_\_\_\_. *Textos de intervenção*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2002.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CANDIDO, Antonio. “A vida ao rés do chão”. *Revista Suplemento*. Edição Especial: A maioria da crônica. Humberto Werneck (Org.). Secretaria de Estado de Cultura. Belo Horizonte, nov. 2012, p. 34-37.

FERNANDES, Florestan. “O significado da ditadura militar”. In: TOLEDO, Caio Navarro de. (Org.). *1964 – Visões críticas do golpe: democracia e reformas no populismo*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

FIGUEIREDO, Eurídice. *A literatura como arquivo da ditadura brasileira*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017.

GINZBURG, Jaime. Política da memória no Brasil: raça e história em Oliveira Vianna e Gilberto Freyre. *Araucária*. Revista Iberoamericana de Filosofia, Política y Humanidades. V. 8, n. 15. Primer semestre de 2006. Disponível em: <[http://www-en.us.es/araucaria/nro15/ideas15\\_3.htm](http://www-en.us.es/araucaria/nro15/ideas15_3.htm)>. Acesso em: 04 abr. 2008.

GRUPO TORTURA NUNCA MAIS. Disponível em: <<http://www.torturanuncamais-rj.org.br/homenageados-chico-mendes/homenageados-1996/>>. Acesso em: 04 jun. 2019.

PINHEIRO, Paulo Sérgio. Autoritarismo e transição. *Revista USP*. Mar. Abr. Maio, 1991, p. 46.

PINTO, Manuel da Costa; BATALHA, Martha Mamede. “Entrevista: Luis Fernando Verissimo”. *Cult: revista brasileira de literatura*, v.5, n. 45, abr. 2001.

PINTO, Manuel da Costa. “A armadilha borgeana de Verissimo”. *Cult: revista brasileira de literatura*, v.4, n. 45, abr. 2001.

TELES, Edson; SAFATLE, Vladimir. “Apresentação”. In: \_\_\_\_\_. (Orgs.). *O que resta da ditadura: a exceção brasileira*. São Paulo: Boitempo, 2010.

VERISSIMO, Luis Fernando. *Luis Fernando Verissimo & Zuenir Ventura: conversa sobre o tempo com Arthur Dapieve*. Rio de Janeiro: Agir, 2010.

VERISSIMO, Luis Fernando. *Drauzio Varela entrevista Luis Fernando Verissimo (2017)*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DZRRsTZI4VO>>. Acesso em: 07 jun. 2019.

VERISSIMO, Luis Fernando. *Marginais vermelhos*. Disponível em: <<https://cultura.estadao.com.br/noticias/geral/marginais-vermelhos.70002583336>>. Acesso em: 01 dez. 2018.

VERISSIMO, Luis Fernando. *Memória*. Disponível em: <<https://cultura.estadao.com.br/noticias/geral/memoria.70002510228>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

VERISSIMO, Luis Fernando. *Respire fundo*. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/ate-tudo-se-definir-nas-urnas-respire-fundo-23113451>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

VERISSIMO, Luis Fernando. *Os omissos*. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/opiniaos/os-omissos-23203311>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

VERISSIMO, Luis Fernando. *Desilusões*. Disponível em: <<https://cultura.estadao.com.br/noticias/geral/desilusoes.70002593154>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

VERISSIMO, Luis Fernando. *Conversa com Bial – Luis Fernando Verissimo (20/05/2019)*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wjSVb4olTOk>>. Acesso em 07 jun. 2019.

VIOLA, Paulinho da. “Dança da solidão”. In: \_\_\_\_\_. *A dança da solidão* (Disco). Odeon, 1972.

**Carlos Augusto Carneiro Costa** é Professor de Estudos Literários da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará - Unifesspa. É docente

permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras (Poslet/Unifesspa) e do Mestrado Profissional em Educação Inclusiva em Rede Nacional (Profei). É Doutor em Letras: Estudos Literários pela UFMG, Mestre em Literatura Brasileira pela USP e Graduado em Letras pela UFPA. Foi Professor Substituto de Literatura Brasileira da UFPA. Em diferentes momentos, foi professor efetivo de Língua Portuguesa nos estados do Pará e São Paulo. Publicou o livro *Em câmara lenta: gestos de resistência ao terror* (Lumme Editor, 2015) e *O difícil disfarce da dor: humor e memória do terror em Luis Fernando Verissimo* (Editora Unimontes, 2024). Seu trabalho crítico enfoca especialmente a literatura brasileira contemporânea em perspectiva histórica, com ênfase em temas ligados à violência de Estado, como memória, pós-memória, testemunho, trauma, melancolia, paz e humorismo. Em 2024, realizou estágio de capacitação docente junto ao *Center for Interamerican Studies* da Universidade de Bielefeld, Alemanha.

Artigo recebido em 27/02/2026.    Aprovado em 28/02/2026.